

LEANDRO
KONDER



expressão
POPULAR

A QUESTÃO DA IDEOLOGIA

BIBLIOTECA LEANDRO KONDER

Os marxistas e a arte

Marx, vida e obra

Marxismo e alienação

O marxismo na batalha das ideias

A derrota da dialética

O futuro da filosofia da práxis

História das ideias socialistas no Brasil

Introdução ao fascismo

Leandro Konder

A QUESTÃO DA IDEOLOGIA

1ª EDIÇÃO

EXPRESSÃO POPULAR

SÃO PAULO - 2020

Copyright © 2020 by Editora Expressão Popular

Edição anterior: *Companhia das Letras, 2002*
Revisão: *Cecília Luedemann, Nilton Viana e Dulcineia Pavan*
Projeto gráfico, diagramação e capa: *Zap Design*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

K82q Konder, Leandro, 1936-2014
A questão da ideologia / Leandro Konder. --1.ed. —São Paulo : Expressão Popular, 2020.
288 p.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>
ISBN 978-65-991365-9-7

1. Ideologia. 2. Ideologia – História. I. Título.

CDU 316.75
CDD 140

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich - CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: outubro de 2020

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR
Rua Abolição, 201 – Bela Vista
CEP 01319-010 – São Paulo – SP
Tel: (11) 3112-0941 / 3105-9500
livraria@expressaopopular.com.br
www.expressaopopular.com.br
f ed.expressaopopular
© editoraexpressaopopular

SUMÁRIO

NOTA EDITORIAL	7
APRESENTAÇÃO	11
<i>Cristina Simões Bezerra</i>	
AGRADECIMENTOS	15
INTRODUÇÃO.....	17

PARTE I

1. A QUESTÃO DA IDEOLOGIA ANTES DE MARX	23
2. A QUESTÃO DA IDEOLOGIA EM MARX	37
3. A QUESTÃO DA IDEOLOGIA ENTRE OS MARXISTAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	59
4. EM LUKÁCS	67
5. EM MANNHEIM	77
6. EM HORKHEIMER E ADORNO	83
7. EM MARCUSE	97
8. EM BENJAMIN	103
9. EM GRAMSCI.....	111
10. EM BAKHTIN.....	121
11. EM ALTHUSSER	129
12. EM GOLDMANN	135
13. EM HABERMAS.....	139
14. ...E NO BRASIL	147

PARTE II

15. IDEOLOGIA E LINGUAGEM.....	161
16. OBJEÇÕES À IDEOLOGIA.....	175
17. IDEOLOGIA E PÓS-MODERNISMO.....	187
18. IDEOLOGIA E HISTÓRIA.....	199
19. IDEOLOGIA E PSICANÁLISE.....	211
20. IDEOLOGIA E ARTE.....	225
21. IDEOLOGIA E ÉTICA.....	239
22. IDEOLOGIA E COTIDIANO.....	251
23. IDEOLOGIA E POLÍTICA.....	263
UMA QUESTÃO NUNCA INTEIRAMENTE RESOLVIDA?	273
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	283

NOTA EDITORIAL

ÀS VÉSPERAS DE COMEMORAR 40 ANOS, em fevereiro de 2021, o ANDES-SN (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) estabelece uma parceria com a Editora Expressão Popular para fortalecer a perspectiva da produção clássica e crítica do pensamento social.

O movimento docente das instituições de Ensino Superior no Brasil teve início em um ambiente hostil para a liberdade de expressão e associação do(a)s trabalhadore(a)s, pois era o período de enfrentamento à ditadura civil-militar (1964-1985). Foi nesse período que a Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior, a ANDES, nasceu. Um processo de criação calcado em uma firme organização na base, a partir das Associações Docentes (AD), que surgiram em várias universidades brasileiras a partir de 1976. Após a Constituição Federal de 1988, com a conquista do direito à organização sindical do funcionalismo público, a ANDES é transformada em o ANDES-SN, sindicato nacional. Toda a sua história é marcada pela luta em defesa da educação e dos direitos do conjunto da classe trabalhadora, contra os autoritarismos e os diversos e diferentes ataques à educação e à ciência e tecnologia públicas. Também é marca indelével de sua história a defesa da carreira dos/as professores/as e de condições de trabalho dignas para garantir o tripé ensino-pesquisa-extensão.

A luta da ANDES e, posteriormente do ANDES-SN, sempre foi marcada por uma leitura materialista e dialética da realidade. As análises de conjuntura que sistematicamente guiaram as ações tanto da associação quanto do sindicato sempre assumiram como base os grandes clássicos da crítica à Economia Política. Valorizá-los neste momento não é olhar o passado, muito ao contrário, significa fortalecer as bases que nos permitem fazer prospecções sobre a conjuntura e preparar-nos para a ação vindoura.

Em tempos de obscurantismo e de ascensão da extrema-direita, de perseguição à educação pública e aos/às educadores/as, de mercantilização da educação e da ciência e tecnologia, de desvalorização do pensamento crítico, de tentativa de homogeneização da ciência e de criminalização dos que lutam, ousamos resistir, ousamos lutar, nas ruas e também na disputa de corações e mentes. Por isso, ao celebrar os 40 anos de luta do ANDES-SN, a realização dessa parceria, que divulga e revigora a contribuição de pensadores/as clássicos/as, fortalece nossa perspectiva crítica e potencializa nossas lutas.

Reafirmar nosso compromisso com a defesa intransigente da educação pública, gratuita, laica, de qualidade, socialmente referenciada, antipatriarcal, antirracista, anticapacitista, antimachista, antilgbtfóbica é uma das tarefas centrais do atual tempo histórico. Não há melhor forma de reafirmar nosso compromisso do que lançar luz às questões centrais do capitalismo dependente, dar visibilidade à luta de classes e à necessária construção de um projeto de educação emancipatório.

Agradecemos a Cristina Konder e a Carlos Nelson Konder que solidariamente nos autorizaram a publicação de mais esse título na nossa biblioteca Leandro Konder. Esta é a nona obra que pu-

blicamos desse intelectual comunista, como ele mesmo gostava de se referir, cujas ideias são cada vez mais relevantes e importantes para compreendermos nossa realidade e transformá-la.

Como sempre, este livro de Leandro Konder traz de forma didática, mas sem perder o rigor teórico, o debate que se desenrolou no século XX em torno dessa complexa e irresoluta questão da ideologia e suas reverberações na vida social, na luta política, na arte, na cultura e na filosofia.

Boa leitura!

Diretoria Nacional do ANDES-SN
(Gestão 2018-2020)
Expressão Popular
Brasília/São Paulo, 2020

APRESENTAÇÃO

Cristina Simões Bezerra¹

A INICIATIVA DA EDITORA EXPRESSÃO POPULAR de uma nova publicação do já clássico *A Questão da Ideologia*, do marxista brasileiro Leandro Konder é, mais uma vez, uma proposta ousada e extremamente necessária. Konder, como é sabido, representa um dos mais importantes nomes no processo de apreensão e, ao mesmo tempo, de análise da introdução das ideias marxistas no Brasil, sendo responsável, desde a metade do século XX, junto com outros companheiros como Michael Löwy, Marilena Chauí e, sobretudo, Carlos Nelson Coutinho, pelo processo de renovação de nosso “marxismo a brasileira”, criando a possibilidade de superarmos nosso passado positivista de apreensão destas ideias (tão bem analisado pelo próprio Konder em *A derrota da Dialética*) e de criarmos um vínculo de fato materialista e crítico entre as ideias marxistas e a realidade brasileira. Desta forma, Konder é um autor fundamental para aqueles que desejam entender para transformar as relações sociais no Brasil e no mundo.

O livro que o leitor tem em mãos foi publicado, pela primeira vez, em 2002, pela Editora Companhia das Letras, e não poderia ter um título mais instigante: de fato, do ponto de vista filosófico ou teórico-metodológico, o termo “ideologia” representa uma das

¹ Professora da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora

“questões” mais intensas do pensamento social de uma forma geral. De uma concepção substancialmente negativa, que se relacionava às distorções atuantes no processo de conhecimento e de sua elaboração sobre a realidade, vigente desde os pensadores gregos da Antiguidade, a uma concepção positiva e propositiva, desencadeada sobretudo pelos pensadores do marxismo renovado da segunda metade do século XX, muito se produziu e se problematizou em torno do termo “ideologia”, uma vez que ele acompanhou todo o processo de busca da superação do idealismo e de nascimento do materialismo histórico no século XIX. Neste processo, dois pontos de inflexão nos parecem fundamentais. Primeiramente, a publicação, somente em 1931, de *A Ideologia Alemã*, de Marx e Engels, na qual realizam um acerto de contas fundamental com a filosofia clássica alemã, compreendendo-a como uma “falsa consciência”, ou seja, como uma forma distorcida e alienante do processo de conhecimento e, por consequência, de interpretação e transformação da realidade. Este será, num primeiro momento, o sentido negativo que Marx e Engels vão atribuir ao termo “ideologia”, ou seja, uma falsa consciência, um conjunto de ilusões por meio das quais os homens pensam conhecer sua realidade, mas que, na verdade, os fazem conhecer de forma enviesada, distorcida. Para Marx e Engels, este conhecimento ideológico da realidade precisa ser invertido, pois as ideias jamais se desenvolvem por si mesmas, como entidades substantivas.

Mas a história caminhou a passos largos. E junto com a história, caminham também a linguagem e seus termos fundamentais. Ao final do século XIX e início do século XX, com a experiência vitoriosa da Revolução Russa e todos seus efeitos na luta de classes no cenário mundial, o termo “ideologia” foi profundamente renovado, passando a se relacionar, no aspecto da formação da consciência, a todo um conjunto de ideias que, oriundo das mais profundas e contraditórias relações sociais de produção e

reprodução, acaba por redefinir tais relações e delinear ideias e concepções de mundo que orientam determinada práxis, inserida na relação humana de intervenção e transformação da realidade. No entanto, o contexto real desta interpretação é limitado, afirma Raymond Willians, pois poderíamos encontrar, ao longo da produção marxiana, pelo menos mais dois sentidos de “superestrutura”: o de formas de consciência que expressam uma determinada ideologia, uma visão de mundo característica de uma classe; e o de um processo no qual os homens se tornam conscientes de um conflito econômico fundamental e tentariam solucioná-lo (práticas políticas e culturais). Assim, este autor nos chama atenção para o fato de que entender os termos infraestrutura e superestrutura como categorias separadas e áreas de atividade fechadas é realizar uma abstração comum e vazia de sentido, própria das formas de pensamento que Marx tanto condenou.

Konder opera neste universo com primazia e profundo senso crítico, demonstrando não só este movimento do termo ideologia, mas também seus principais interlocutores. O livro se divide, assim, em duas partes, brilhantemente articuladas. Na primeira, Konder faz toda uma viagem, desde a Antiguidade até os tempos contemporâneos, em torno dos autores e das concepções que os orientaram na apreensão e na problematização do termo em questão. Orienta-o, sem dúvidas, a partir do item 3 (A questão da ideologia entre os marxistas do início do século XX) a compreensão de que estamos sempre a falar de *marxismos*, num plural significativo, que demonstra, de G. Lukács a J. Habermas, passando por A. Gramsci, L. Althusser e L. Goldmann, dentre outros, a evidente preocupação marxista em refazer o vínculo que o próprio capitalismo rompeu, qual seja, entre o pensar e o fazer, entre o trabalho manual e o trabalho ideológico, entre a ideia e a força das ideias. Especial atenção deve ser dada, nesta primeira parte, ao item 14, com o rico voo, realizado pelo autor, sobre o termo cultura no

pensamento social brasileiro, valendo-se das importantes contribuições de Mauricio Tragtenberg, Roberto Schwarz, Sérgio Paulo Rouanet e Marilena Chauí. Um trabalho, a nosso ver, carente de atualizações e releituras, uma vez que autores como o próprio Konder, Carlos Nelson Coutinho e outros realizam, já no final do século XX, profundas contribuições a esse debate.

Mas Leandro Konder não se limita a esta abordagem autoral sobre o termo ideologia e vai muito além, deixando-nos talvez, na segunda parte do livro, o legado mais inquietante sobre o tema. Konder nos presenteia com uma importante abordagem do termo ideologia e sua relação com diferentes áreas de conhecimento, tais como a linguagem, o pós-modernismo (tema absolutamente atual), a história, a arte e política. O leitor saíra desta segunda parte, com certeza, com mais perguntas que respostas e é justamente esta dinamicidade que explica que ainda estejamos hoje tão provocados por este tema, que por vezes é usado quase como uma palavra-chave para explicar o inexplicável.

Em tempos de “escola sem partido”, neofascismo e neoconservadorismo, o termo ideologia renasce como uma grande questão entre estudiosos e militantes e a ele devemos nossas mais profundas inquietações. Como o próprio autor questiona ao final do livro, estamos diante de uma questão nunca inteiramente resolvida? Impossível responder, mas com certeza, o legado de Leandro Konder, nesta e em outras obras deixadas a nossa herança militante e revolucionária, confirmamos que, mais uma vez, “o caminho se faz ao caminhar”. Prematuramente falecido, em 2014, estamos diante de um gigante de nosso pensamento social brasileiro, a quem a história ainda fará a devida justiça. Obrigada, a Editora Expressão Popular, por mais esta investida em nossos horizontes revolucionários mais amplos.

Leandro Konder, presente. Sempre!

AGRADECIMENTOS

AO LONGO DE MUITOS ANOS, tenho conversado sobre a questão da ideologia com muita gente. Em especial, o tema tem estado presente em animadas discussões com Cristina Konder, Carlos Nelson Coutinho, Milton Temer e Margarida (Guida) de Souza Neves. Mais recentemente, Carlos Nelson (Caíto) Konder se tornou um interlocutor imprescindível.

Discuti algumas das ideias desenvolvidas neste livro com colegas, alunos e ex-alunos. Entre os que me têm ouvido mais assiduamente estão Isabel Lelis, Sonia Kramer, Menga Lüdke, Tania Dauster, Ana Waleska Mendonça, Alícia Bonamino, Maria Luiza Oswald, Vera Candau, Aparecida Mamede, Creso Franco e Ralph Bannell. Mais longamente, submeti a paciência de Zaia Brandão, Rosália Maria Duarte e Ana Elvira Raposo à exposição do meu pensamento, ouvindo sempre observações instigantes.

Além disso, ministrei um curso sobre a questão da ideologia para alunos de pós-graduação no Departamento de Educação da PUC-RJ em 2001 e apreciei enormemente a reação dos estudantes.

Ana Luiza Smolka me proporcionou ocasião de falar em Campinas sobre a questão da ideologia para um amplo público.

Mais recentemente, o livro foi lido por Eugenio Bucci, que fez observações extremamente argutas e lúcidas.

Sou grato a todos e também ao CNPq, pela bolsa de produtividade em pesquisa que me concedeu.

INTRODUÇÃO

MICHAEL LÖWY, AUTOR DE UM DOS melhores ensaios dedicados ao tema da “ideologia”, já chamou a atenção de seus leitores para a polissemia do conceito:

Existem poucos conceitos na história da ciência social moderna que sejam tão enigmáticos e polissêmicos como esse de ideologia. Ao longo dos últimos dois séculos ele se tornou objeto de uma acumulação incrível, até mesmo fabulosa, de ambiguidades, paradoxos, arbitrariedades, contrassensos e equívocos. (Löwy, 1987, p. 9-10)

Uma rápida olhada na bibliografia, no final deste volume, bastará para proporcionar ao leitor uma ideia da vastidão das publicações que veicularam as “leituras” diversas e contraditórias a que o conceito foi submetido.

O presente trabalho não pretende propor mais uma interpretação do conceito de ideologia, uma exegese disposta a corrigir todas as outras. As páginas que se seguem, a rigor, não estão sequer dedicadas ao conceito propriamente dito: de fato, elas giram em torno de uma questão (e não é casual que o livro se intitule, justamente, *A questão da ideologia*).

Em que consiste, precisamente, essa questão? Para uma explicação preliminar, vale a pena recorrermos ao *Dicionário de política*, coordenado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. Nele, o verbete ideologia, escrito por Mario Stoppino,

começa com uma constatação que coincide, no essencial, com a de Michael Löwy, transcrita acima:

Tanto na linguagem político-prática quanto na linguagem filosófica, sociológica e político-científica, não existe talvez nenhuma outra palavra que possa ser comparada à ideologia pela frequência com a qual é empregada e, sobretudo, pela gama de significados diferentes que lhe são atribuídos.

Mas, apoiando-se em Bobbio, Stoppino dá um passo adiante e propõe uma curiosa distinção: ele distingue entre um significado *fraco* e um significado *forte*. O significado *fraco* é aquele em que o termo designa sistemas de crenças políticas, conjuntos de ideias e valores cuja função é a de orientar comportamentos coletivos relativos à ordem pública. O significado *forte* é aquele em que o termo se refere, desde Marx, a uma distorção no conhecimento. Na primeira acepção, o conceito é neutro; na segunda, é crítico, negativo. Stoppino escreve: “Na ciência e na sociologia política contemporâneas predomina nitidamente o significado fraco da ideologia”.

Entre os representantes – minoritários – da perspectiva que trabalha com o significado *forte* da ideologia se acham alguns poucos teóricos convictamente antimarxistas, como o italiano Vilfredo Pareto, para quem os instintos fundamentais da natureza humana são muito mais fortes do que os fatores sociais e por isso influem, inevitavelmente, na psicologia dos indivíduos, induzindo-os a elaborar ou a adotar representações ideologicamente distorcidas da realidade política e social.

Apesar da presença de Pareto e de outros – poucos – antimarxistas, a lista dos teóricos que insistem em retomar o conceito em sua acepção *forte* é uma lista da qual constam, sobretudo, os *pensadores que estão de algum modo empenhados em desdobrar a reflexão de Marx sobre o tema*.

Este livro procura reconstituir alguns aspectos do movimento da reflexão desses pensadores a respeito da ideologia, algumas ca-

racterísticas daquilo que cada um retomou da concepção de Marx, acrescentando eventualmente complementos ou correções, ou algumas características daquilo que cada um considerou superado e procurou eliminar ou substituir no enfoque do autor (junto com Engels) d'*A ideologia alemã*.

Muitas vezes, os filósofos evocados a seguir formularam seus pensamentos imbuídos da convicção de que haviam conseguido elaborar um novo conceito de ideologia e com ele estavam resolvendo problemas que seus predecessores não tinham conseguido solucionar. É provável, no plano subjetivo, que essa convicção os tenha ajudado, que ela lhes tenha fortalecido a disposição, o ânimo para aprofundar suas construções teóricas. O presente trabalho, contudo, foi empreendido com outro objetivo, com outra preocupação.

Não se pretende, aqui, contribuir para resolver a questão da ideologia, submetendo o conceito a mais uma – a enésima! – reformulação. O que se procura fazer, nas páginas que se seguem, é revisitar as diversas expressões que a questão da ideologia veio assumindo desde Marx até o presente na perspectiva da esquerda, em suas diversas vertentes teóricas. O interesse do estudo, então, está inteiramente voltado para *a questão como tal*.

A convicção com a qual este livro foi escrito é a de que, independentemente do maior ou menor alcance do seu valor operatório em diferentes campos do trabalho científico, *o conceito de ideologia, em seu significado “forte”, trouxe para o pensamento contemporâneo a exigência de se defrontar com uma questão crucial, inescamoteável, extremamente instigante, que o obriga a um autoquestionamento radical e o desafia a uma autorrenovação dramática*.

É como se a questão da ideologia fosse, hoje, uma nova versão do enigma que a Esfinge propôs a Édipo. Em vez da alternativa “ou decifras o enigma ou te devoro”, a questão da ideologia, moderna Esfinge, nos provoca, irônica: “Decifra-me, enquanto te devoro”.